

KUMURÕ

BANCO TUKANO



SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - SÃO PAULO
2015

Kumurõ Banco Tukano © FOIRN

AUTORES TUKANO DO RIO TIQUIÉ Domingos Borges Barreto, Mariano Azevedo e Celestino Azevedo (Pirarara), José Azevedo, Rogelino Alves Azevedo, Higino Azevedo e Ângelo Azevedo (São José II), Miguel Azevedo e Antenor Nascimento Azevedo (São José I), Francisco Sampaio (Santa Luzia), Francisco Barreto, Tarcísio Barreto, Ovídio Barreto, Belisário Barreto, Otávio Borges Barreto, Isaac Barreto e Luiz Tirado (São Domingos), Américo Bastos (São Paulo), Jovino Pena (Santa Rosa), Avelino Neri (Jabuti), Henrique Marques (Boca do Sal).

TEXTO Aloisio Cabalzar

EDIÇÃO Beto Ricardo

FOTOS Rosa Gauditano

FOTOS COMPLEMENTARES Aloisio Cabalzar/ISA, Beto Ricardo/ISA (pg 4-5, 10), Roberta Dabdab (pg 8)

DESIGN GRÁFICO E EDITORAÇÃO Sylvia Monteiro **CAPA** Aloisio Cabalzar/ISA

COLABORADORES Flora Cabalzar e Pieter van der Veld (ISA).

PRODUÇÃO GRÁFICA Vera Feitosa/DUO Projetos Gráficos

IMPRESSÃO Stilgraf Gráfica **TIRAGEM** 1.000

APOIO PARA PUBLICAÇÃO



DISTRIBUIÇÃO FOIRN/ISA

Os direitos relativos aos conhecimentos sobre as matérias-primas e o processo de produção do banco tukano, tal como registrados nesta publicação, pertencem exclusivamente ao povo Tukano.

A renda proveniente da venda desta publicação reverterá integralmente para a consolidação e ampliação das atividades de produção, divulgação e comercialização do banco tukano.

Fica proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, de qualquer forma, sem prévia e expressa autorização da FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro.

Contatos podem ser feitos pelo endereço eletrônico foirn@foirn.org. br ou pelo telefone (97) 3471.1632, em São Gabriel da Cachoeira.

SUMÁRIO

OBJETO CERIMONIAL TUKANO	4
MODELOS DE BANCO	6
UMA ESPECIALIDADE CULTURAL	8
NO PRINCÍPIO ERAM DE QUARTZO	9
OS TUKANO	10
A MALOCA	11
FAZER O BANCO	12
NO MATO	15
TORAS SOB MEDIDA	16
O ENTALHE	19
ETAPAS DO ENTALHE	20
FERRAMENTAS	22
MEDIÇÕES	24
CAVANDO FUNDO	27
CUIDADOS PARA NÃO RACHAR	28
O ACABAMENTO	30
APLAINAR E LIXAR	32
PINTAR	35
CORANTES E FIXADORES	36
TINGINDO O ASSENTO	38
GRAFISMOS	41
CARIMBOS E PINCÉIS	42
ARGILA	44
TRAÇOS	46
KUMU HORI	49
LAÇOS	50
PRESENTES	51
LAVAR PARA REVELAR	52
SIGNIFICADOS DOS GRAFISMOS	54
OFICINA DE BANCOS NA FOZ DO CABARI	58
INFORMAÇÕES SOBRE O PROJETO	
E AS PARCERIAS	62
FONTES	63
GLOSSÁRIO	64
NOTA SOBRE A GRAFIA DAS PALAVRAS	
EM TUKANO	64

OBJETO CERIMONIAL TUKANO

UMUKO ÑEKU, O AVÔ DO UNIVERSO,
SENTOU-SE NUM BANCO DE QUARTZO PARA
CRIAR O MUNDO E A HUMANIDADE.
HOJE, ESCULPIDO EM MADEIRA, O BANCO TUKANO
É O ASSENTO DO KUMU, O BENZEDOR.



MODELOS DE BANCO

O banco tukano é uma peça esculpida por inteiro em madeira, sem emendas ou encaixes. Com grafismos impressos, seu assento é uma plataforma côncava, apoiada sobre pés, a cerca de quinze centímetros do chão.



BANCO COM DESENHOS TRADICIONAIS NOS PÉS E NO ASSENTO



PIKÔSE KUMURÔ (BANCO PÁSSARO-TESOURA),
QUE TEM A ESTRUTURA DE APOIO INTEIRIÇA



BANCO COM PÉS CURVOS, CHAMADO "CANELA DE ANTA" (WEKÛ-SORI)



O GRAFISMO DO ASSENTO TEM NO CENTRO O DESENHO DO COURO DA PACA
(SEME HORI)



OUTRO EXEMPLAR DO BANCO PÁSSARO-TESOURA (PIKÔSE KUMURÔ)



BANCO MAIOR, DO MESTRE DE CERIMÔNIA

UMA ESPECIALIDADE CULTURAL

Kumurō, o “banco tukano”, é fabricado exclusivamente por homens dessa etnia. É uma das especialidades artesanais que formam a rede de trocas do noroeste amazônico, envolvendo vários povos indígenas. Nesse sistema tradicional, os bancos tukano estão ao lado dos ralos de mandioca baniwa, das canoas tuyuka e bará, da cestaria desana, dos cestos de carga maku e outros. Esse tipo de banco, os ralos baniwa e os aturás maku são os objetos mais característicos e inconfundíveis dessa rede. O banco tukano é facilmente identificável, não se encontrando nada igual dentro ou fora dessa região. Funciona como um distintivo étnico.

O banco (kumurō) é um dos instrumentos cerimoniais dos povos Tukano orientais. “O Avô do Universo, Ҝмкo ҜекҜ, sempre existiu nesse mundo, e vivia na Maloca do Céu. Lá havia dia e noite e tinha terra no chão. As partes de seu corpo eram o banco (kumurō), o suporte de cuia (sārīrō), cuia de ipadu (patu waharo), porta-cigarro (мггo рѣдупҜ), lança-chocalho (yaigҜ) e cabo de enxó (sioyapu). Estes eram seus instrumentos de trabalho e seu poder. Sentado em seu banco, comendo ipadu e fumando, pensava em como faria para transformar esse mundo vazio, como criaria a humanidade e os animais, as terras e águas.” Na tradição dos Tukano, o banco e os outros instrumentos sagrados, ao mesmo tempo que formam o Avô do Universo, lhe dão o poder para criar o universo em que vivemos. Não por acaso, o banco é o lugar do benzedor (kumu). Kumu significa, em tukano, o benzedor, um conhecedor dos encantamentos xamânicos que devem acompanhar todas as passagens do ciclo de



vida da pessoa, os grandes rituais e a cura das doenças. Ele também recita o mito de origem nas grandes cerimônias.

NO PRINCÍPIO ERAM DE QUARTZO

Os bancos que existiam na Maloca do Universo (Ҝмкo Wiika) eram feitos de quartzo, de pedra. Eles foram oferecidos pelo Avô do Universo (Ҝмкo ҜекҜ) aos líderes da primeira humanidade (Bahuari Masā), os ancestrais dos Tukano. O mito de origem dos povos Tukano situa no Lago de Leite (Opekō Ditarā), geralmente associado ao Oceano Atlântico, o ponto de partida de uma cobra-canoa ancestral (Pamuri Pirō) que transportava em seu bojo os descendentes de toda a humanidade atual. Essa cobra emergia em certas paragens do Rio de Leite (Opekō Dia), formando as Casas de Transformação (Pamuri Wii), onde os povos em formação viviam e iam adquirindo conhecimentos, habilidades, cultivos, objetos e instrumentos rituais... Na cachoeira de Ipanoré (Petapé), uma dessas Casas, a humanidade, em seu aspecto atual, saiu dos buracos da transformação, que ainda podem ser vistos nas pedras da cachoeira. Aí todos os povos começaram a se separar e se espalhar, ocupando cada qual uma área e falando uma língua distinta. Os Tukano foram para o rio Papuri. Com o crescimento da população, formaram muitas malocas. Alguns migraram para o rio Tiquié. Os ornamentos e instrumentos cerimoniais foram divididos e, depois, outros foram feitos. Os bancos de pedra foram reproduzidos em madeira, como são hoje. Atualmente, os artesãos fazem bancos de vários tamanhos, dependendo da finalidade. Quando é para uma maloca (casa cerimonial tradicional), fazem um banco para o baya (mestre da dança), que deve ter quatro palmos, e para os acompanhantes do baya (os outros que dançam com ele), de três palmos e quatro dedos. Os bancos para moradia, de uso cotidiano, são menores e podem ter dimensões variadas.



OS TUKANO

Os Tukano são o povo mais numeroso da família Tukano Oriental, que inclui outros quinze. Predominam em boa parte da bacia do rio Uaupés, principal tributário do rio Negro em seu alto curso, situada na região de fronteira do Brasil com a Colômbia, no noroeste da Amazônia.

A língua tukano é usada como meio de comunicação entre pessoas de diferentes procedências linguísticas. É a língua franca do Uaupés.

Os Tukano, como outros povos dessa região, se casam com mulheres de outras etnias e que, por essa razão, falam outra língua. Em função dessa regra de casamento, eles têm cunhados Desana, Tuyuka, Pira-tapuya, Tariana e outros.

Sua subsistência é baseada na agricultura e na pesca, complementada pela coleta de frutos silvestres, de insetos e da caça. A principal planta cultivada é a mandioca brava, da qual retiram a tapioca, base dos alimentos mais consumidos, como beiju, mingau e manicuera. Com a mandioca também se prepara a farinha.



A divisão sexual do trabalho é bem marcada, ficando as mulheres responsáveis pelo plantio e cuidados com a roça e processamento dos alimentos e os homens com a pescaria, construção das casas e confecção dos instrumentos de trabalho, bem como derrubar e queimar o mato para o plantio das roças.

A MALOCA

A vida comunitária é bem intensa, marcada por refeições coletivas quase diárias, mutirões (wayuris), festas e rituais. As festas são animadas pelo consumo do caxiri (outro produto da mandioca, fermentada junto com outros tubérculos), tabaco e ipadu. As cerimônias mais importantes comemoram a trajetória ancestral da origem, com um grupo de homens adultos dançando o kapiwayaya. Mais comuns são os dabucuris, festas em que um grupo oferece a outro grande quantidade de frutas, peixe ou caça, resultado de muito trabalho. Outro ponto em comum entre as culturas no alto rio Negro é a antiga tradição de construção e residência nas malocas, grandes casas coletivas e que têm importante significado ritual. Seu desenho interno e sua posição em relação ao rio, à floresta e, por extensão, a todo o cosmos, têm significados muito especiais, permitindo atualizar, nas grandes cerimônias, a trajetória primordial dos antepassados, conhecida através do mito de origem da humanidade.

FAZER O BANCO



Faz-se um banco em três dias, em média. No primeiro, buscam a madeira e fazem o trabalho de entalhar, que continuam no segundo dia, até o acabamento final (lixar e polir). No último trabalham a pintura do assento. Para um melhor resultado, deixa-se a madeira secar por alguns dias entre o fim do entalhe e a pintura. Com essa espera, a peça torna-se mais leve e fácil de lixar. A pintura do assento mostra a inventividade dos Tukano: um fixador vegetal é tingido com corantes naturais e friccionado na madeira, tornando-a vermelha. Sobre essa base são desenhados padrões, com pincéis, carimbos e argila diluída. Espera-se secar. Lavado em água, a argila se solta e, tendo reagido com o fixador, revela padrões negros.

Na hora de fazer o banco, o primeiro passo é procurar a madeira. Por suas andanças pela floresta, seja a caminho das roças, na coleta de frutas silvestres e de um grande número de matérias-primas usadas em seu dia a dia, os Tukano conhecem bem o mato no entorno de suas aldeias e da beira dos rios e igarapés em que navegam com canoas. Por isso sabem onde estão as madeiras usadas para os bancos. Uma árvore adulta pode ser suficiente para a fabricação de até duas dezenas de bancos. O problema é que a madeira não resiste por muito tempo sem ser trabalhada, tornando-se escura. A única maneira de evitar isso é mantê-la submersa no rio. Essa técnica permite trabalhar cada banco sem pressa e aproveitar toda a árvore derrubada.



NO MATO

Vários tipos de madeira podem ser trabalhados para a fabricação do banco. A preferida é chamada em tukano *etañimi* e, regionalmente, *sorva*. É uma árvore encontrada em floresta de terra firme. Essa planta não é muito comum e seu crescimento é lento. Suas sementes não brotam facilmente. Embaixo da copa das árvores adultas, raramente são encontradas sementes germinando. É possível que precisem passar pela digestão de algum animal herbívoro para serem ativadas, daí seu padrão disperso na floresta. Algumas madeiras encontradas em áreas de floresta inundada às margens dos rios, os *igapós*, também são utilizadas para a fabricação dos bancos. São mais frequentes no baixo e médio curso do rio Tiquié, onde estão situados os *igapós* mais extensos. Existem ainda outras madeiras apropriadas que crescem em *capoeira* ou terra firme. Algumas dessas espécies possuem nomes regionais, como *sorvinha*, *pacarrão* e *molongó*.



TORAS SOB MEDIDA

No mesmo local em que a árvore é abatida, seu tronco é seccionado de acordo com os tamanhos dos bancos a serem produzidos. Depois de dividido em pedaços, cada um é descascado e carregado para casa, onde a madeira será esculpida. Dependendo do tamanho do banco a ser feito, a madeira necessária só pode ser transportada a dois. Em geral as árvores estão afastadas da aldeia e exigem um bom esforço para serem levadas até o local de trabalho.



O ENTALHE

Encontrada a madeira, preparada e levada para casa, o local do trabalho, já se pode iniciar o entalhe. Busca-se, desde o início, o equilíbrio e simetria das formas, sob todos os ângulos. As medidas e a textura são observadas e sentidas, com os olhos e mãos, revirando-se o tronco. Cada artesão entalha a seu modo, mas alguns passos são seguidos por todos, em sequência. Começam preparando duas faces do tronco, opostas. Na inferior – que será a base de apoio no chão – o tronco é deixado plano, procedimento que facilita o trabalho na face oposta, dando mais estabilidade à peça. Na superior a superfície é tornada côncava com o trabalho das ferramentas. Depois disso, medem e marcam com carvão a posição dos pés na madeira. Passam a desbastá-la, tirando por baixo e pelos lados, com cuidado para não rachar os pés. É uma escultura em madeira maciça. Pouco a pouco a peça vai tomando seu aspecto final, cada vez mais delicadamente.



ETAPAS DO ENTALHE



PRIMEIRO CORTE NA MADEIRA, TALHO NO CENTRO DO QUE SERÁ O ASSENTO



DANDO A FORMA CÔNCAVA AO QUE SERÁ O ASSENTO



O ASSENTO É DEIXADO CÔNCAVO



MARCA DOS PÉS DESENHADA COM CARVÃO NA MADEIRA



AS TRÊS PRINCIPAIS FERRAMENTAS DO ESCULTOR



INÍCIO DO ENTALHE DA ESTRUTURA DE APOIO DO BANCO



ENTALHE MAIS ADIANTADO



BANCO PRONTO PARA O ENTALHE MAIS FINO E ACABAMENTO

FERRAMENTAS



A além de habilidade e técnica, trabalhar a madeira exige algumas ferramentas. Três são as principais: dois tipos de enxó e uma machadinha. A enxó mais utilizada é chamada em tukano de sioga (nome que também vamos usar aqui). Começando por ela, essa ferramenta é conhecida há várias gerações, utilizada antigamente para cortar sorva (para tirar seu látex). É uma lâmina de ferro provida de uma luva onde é encaixado um cabo. Atualmente não existem mais no comércio e é preciso fazê-las por encomenda. É um instrumento versátil, útil tanto para alcançar e cortar a madeira mais profundamente, entre os pés do banco, como para tirar lascas pequenas da superfície.

Outra ferramenta, uma machadinha (em tukano, komekumupaweka), também é especial, uma vez que sua lâmina deve ser estreita e comprida. Essas características permitem cortar a madeira mais profundamente, o que é necessário na fase de escavar o tronco, na estrutura de apoio. Não são mais encontradas no comércio da região.

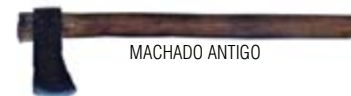
Por último, também é usada uma enxó comum (em tukano, patekaha), empregada no entalhe do assento, obtendo sua forma côncava. Outras ferramentas também são usadas, como terçados, formões, lima de cabo, plainas, facas e outras.



ENXÓ



SIOGA



MACHADO ANTIGO



MEDIÇÕES

Terminando de aplainar a base e de dar as dimensões (curvatura e espessura) do assento, antes de começar a escavar a estrutura de apoio, a peça deve ser medida, marcando-se e desenhando-se os pés. Utiliza-se como unidades de medida o palmo e os dedos. Um pedaço de cipó é usado para marcar a altura de um pé, e transferi-la para o outro lado simetricamente; o mesmo se faz com a medida da distância entre a extremidade do assento e a junção desse com o apoio do pé; e novamente com a largura do pé. O desenho do esquema dos pés (da estrutura de apoio) é feito em ambos os lados do tronco, que já foram deixados levemente planos. O desenho é traçado com o auxílio de algo reto, como a face cega de um terçado, e um pedaço de carvão para marcar.





CAVANDO FUNDO

D esenhados os pés na madeira, é a vez do trabalho duro de desbastar o tronco, desentranhando pouco a pouco. Cavar a estrutura de apoio pode começar pelas extremidades, o que é mais comum, ou pelo meio. No meio, fazem várias fendas com o machadinho, acertando a madeira na perpendicular em relação ao solo. Depois unem essas fendas, batendo o machado paralelamente ao eixo do solo. Fazem isso de cada lado e depois no fundo. Aprofundam esses buracos na madeira utilizando os instrumentos mais adequados: a machadinha, que por esse motivo deve ser comprida, atingindo mais fundo; e sioga. Por último é que se abre a madeira que fica entre as extremidades das barras que ligam os pés dois a dois, no sentido do comprimento. Parece que essa ligação dá mais segurança ao conjunto dos pés, evitando-se rachaduras durante o cavamento.



Tarcísio, tukano da Foz do Cabari, comunidade com vários artesãos, incluindo seu pai, de quem aprendeu esse ofício e com quem divide suas ferramentas. Ele é um dos incentivadores do artesanato do banco. “Eu faço, mas não vendi para meus cunhados, nunca vendi. Nesse tempo eu vou vender para os de fora.”

CUIDADOS PARA NÃO RACHAR



A medida que a estrutura vai se adelgaçando e ficando mais sujeita a rachar – o que levaria à perda de todo o trabalho –, é exigida mais e mais atenção e cuidado. O entalhe deve ser mais fino e preciso, os cortes são menores, qualquer erro pode ser fatal para o novo banco. Ainda se busca, trabalhando a curva do assento, um equilíbrio melhor da peça. Nessa fase, o esforço passa a ser de desbaste gradual da madeira, tirando os excessos, as arestas, tornando a estrutura mais limpa, suave. A resistência da madeira é vencida com persistência, lasca a lasca, em busca da forma do banco tukano.

Ovídio, tukano da Foz do Cabari, faz um banco grande, usado pelos mestres-de-cerimônia nos grandes rituais, quando se realizam as danças dos antigos. “Os velhos sabiam fazer bancos, depois nasceram os filhos deles e viram eles fazer, por isso nós estamos fazendo”.

O ACABAMENTO



Concluído o entalhe da madeira, os artesãos tukano se dedicam a polir e lixar o banco, fazendo com que a madeira fique com uma textura mais lisa e suave no assento, sua base, plana e estável. Os velhos usavam folhas de algumas árvores e pedras arredondadas como lixa; hoje também são empregadas lixas industrializadas. Esse trabalho prepara a peça para a pintura.

Mariano é tukano de Pirarara, no médio Tiquié, e aprendeu a fazer bancos com seu pai: “eu vi o que meu pai fazia, eu posso fazer.” Antigamente, e ainda hoje, os Tukano faziam bancos para oferecer para seus cunhados, como os Desana e Tuyuka. “Tinha um cunhado meu, eu fiz para ele pela primeira vez, foram doze bancos e entreguei tudo aprontado. Ficou bom. Tinha outro cunhado, eu fiz treze bancos para ele. Entreguei, como faziam os antigos.”



APLAINAR E LIXAR

Chega o momento de aplainar os pés e as laterais do banco, tornando essas superfícies mais lisas e, no caso da barra de apoio no chão, estável. Esse trabalho é feito com uma plaina de carpinteiro. Detalhes de acabamento (corte de arestas, junções etc.) são obtidos com o uso de terçado, formão, lima de cabo e lima grossa.

Por último, é a vez de lixar o banco, especialmente o assento e as laterais. Utilizam lixas de madeira (número 40 ou 50) e folhas de superfície áspera de cinco espécies de árvores. São chamadas em tukano de wahapetopūri, siōrōgū, yaiñemerōpūri e wateromisipūri. O polimento do assento também pode ser feito com uma pedra, quando ele é lavado no rio, antes de pintar.



BANCO INTEIRAMENTE ESCULPIDO, PRONTO PARA A PINTURA



PINTAR

A pintura dá o acabamento final ao banco tukano. A técnica utilizada é muito simples, mas engenhosa, lança mão de elementos da natureza e elabora-os de maneira inteligente e singela. São necessários um fixador, um corante vermelho, argila, água, um pincel de espiguetas de capim e carimbos de arumã dobrado.

Sobre o fundo vermelho é desenhado um motivo trançado, aprendido pelos Tukano numa das Casas de Transformação, na origem do mundo. Para pintar, o primeiro passo é ir a campo coletar o fixador. Retira-se seções da casca da árvore pouco antes de ser utilizada, já que o que se aproveita como fixador é a resina que fica na parte interna da casca. Algumas horas são suficientes para essa resina secar, tornando o material impréstável. Para ser usada, raspam a parte interna da casca com terçado, formando um tufo úmido com o fixador.

Agrega-se a esse tufo o corante, que pode ser urucu ou carajuru.

As mãos de José, tukano de Bote-puribua (médio Tiquié), esfregam a raspa da entrecasca da árvore mupunuri, usada como fixador, misturada com sementes de urucu, na superfície do assento do banco.

CORANTES E FIXADORES

Além da madeira, a fabricação do banco requer outras matérias-primas, usadas no processo da pintura.

Existem cinco tipos de fixador, todos eles retirados da raspagem da entrecasca de árvores conhecidas pelos Tukano: mupunuri e $y\epsilon\epsilon\epsilon\epsilon$, são árvores encontradas na floresta de igapó; mahamerewa, $waiw\epsilon\epsilon\epsilon$ e $wahaku$ crescem nas capoeiras e, o último, também na mata virgem.

Os corantes são de dois tipos, ambos vermelhos. O urucu é uma planta cultivada, comum e com grande número de frutos, que são usados frescos, sem necessidade de processamento. Seu uso no banco produz um vermelho vivo, claro.

Já o carajuru é um pigmento retirado de um cipó, também cultivado. Precisa passar por um processamento para ser usado, quando suas folhas são cozidas e depois a solução é coada. Do líquido obtido decanta uma espécie de tapioca, que assenta no fundo da panela. Secado com cinzas, como as mulheres fazem para secar a goma de mandioca, está pronto o carajuru, que fica na forma de torrões que precisam ser esfarelados com os dedos na hora de usar. No Tiquié, esse trabalho é especialidade das mulheres $bar\acute{a}$ e $tuyuka$, que trocam com os Tukano, que fazem seus bancos e uma série de outras pinturas, incluindo a corporal. O carajuru produz um vermelho mais escuro, puxado para o vinho.



BOLSA DE
ENTRECASCA
PARA
GUARDAR
CARAJURU



TINGINDO O ASSENTO

Com a mistura do fixador com um dos corantes, os artesãos tukano esfregam o assento e sua beirada lateral, cobrindo toda essa superfície com uma camada homogênea de vermelho. Em cada pé, se faz um desenho simples, como um X ou traços e pontos. Com isso, o banco está preparado para receber seus desenhos, impressos em argila. Desenhos da Cobra de Transformação da Humanidade.



GRAFISMOS



Impressos grafismos no assento do banco, já tingido de vermelho, é o último trabalho do artesão ao fabricar seu banco. Assim como as formas do banco tukano permitem pouca variação, os padrões gráficos também mudam pouco de um artesão para o outro. O desenho reproduz o motivo de um trançado do tipiti, impresso com a ajuda de carimbos de arumã de diferentes tamanhos, besuntados em argila dissolvida em água (ver pg 44).

CARIMBOS E PINCÉIS



Na pintura do assento com argila é usado um pequeno e delicado pincel feito de capim e um conjunto de pequenos triângulos feitos de arumã dobrado. O pincel é uma espícula de capim amarrada em sua base por uma leve fibra de tucum. Nos carimbos, as talas de arumã, planta da família das marantáceas largamente usada na região para a confecção de cestarias, são cortadas, dobradas e amarradas com fibra de tucum (não fiado). O tucum é retirado das folhas de uma palmeira espinhosa e, após processado e fiado, com ele se produz cordas, redes, bolsas, puçás para pescar etc. Os carimbos são feitos de quatro ou cinco tamanhos, úteis para o acabamento do grafismo trançado junto às linhas que contornam o perímetro do assento (ver pg 47).

ARGILA



NA PREPARAÇÃO DA PINTURA, MISTURA-SE ARGILA COM ÁGUA, ATÉ ENCONTRAR O PONTO CERTO, QUE NÃO DEVE SER NEM MUITO AGUADO (PARA NÃO ESCORRER), NEM MUITO GROSSO (O QUE DIFICULTARIA O TRABALHO COM O DELICADO PINCEL).



TRAÇOS

Com tudo em mãos, os Tukano começam a trabalhar com o pequeno pincel de capim e a solução de argila e água. Faz-se na borda três traços contínuos que acompanham todo o perímetro do assento.

Traçam também duas linhas transversais (separadas entre si por uns cinco centímetros) que dividem a extensão do assento em duas partes mais ou menos iguais. Para não errar o centro do banco, o artesão estica um pedaço de cipó ou de casca de arumã sobre a extensão de todo o banco, quebra-o no meio, tira a medida do centro e traça as duas linhas.



Feitas essas linhas de referência, usa-se o carimbo para fazer o desenho trançado dentro das duas áreas demarcadas. Carimbos progressivamente menores são aplicados na parte mais externa

do trançado. Alguns artesãos não usam carimbos, apenas o pincel, o que torna o trabalho mais árduo.

Existem dois ou três tipos de desenhos, mas o mais praticado é chamado kumu hori em tukano ou, simplesmente, desenho do banco.

A pintura demora algumas horas para ser feita. Terminada, deixa-se secar a argila por algum tempo, nada mais que algumas horas ou uma noite.





KUMU HORI

A aplicação da argila sobre a base vermelha produz uma reação, que será vista depois do banco lavado. A argila não funciona como tinta e não persistirá no banco, é apenas um reagente, que queima a base produzindo uma cor preta.

No mito de origem do cipó caapi, com o qual produzem uma bebida de uso ritual, na maloca Diawi, quando Kapi Masó deu à luz sua criança, os Tukano ficaram muito atordoados com seu efeito e não conseguiram aprender bem os desenhos que apareciam nas visões. Eles só pegaram bem esse desenho, chamado “desenho do banco” (kumu hori). Quem aprendeu melhor foram os Desana e Baniwa, por isso sabem fazer muitos desenhos hoje em dia.



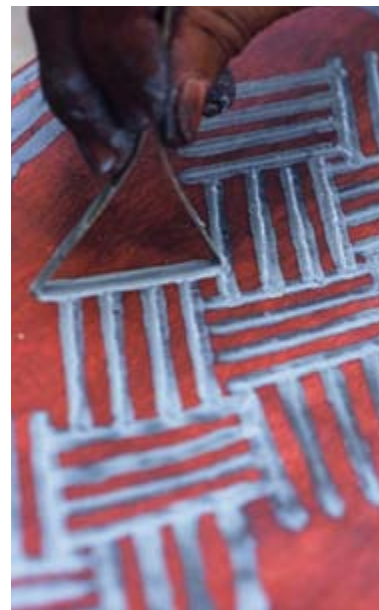


LAÇOS

Os Tukano muitas vezes fazem bancos para seus aliados, em geral cunhados e sogros. É uma maneira de manter laços positivos com a família de sua esposa, oferecendo algo que melhor sabem fazer, e muito apreciado por seu valor utilitário e ritual.

PRESENTES

Como a regra é a esposa vir de outra aldeia, algumas vezes, durante a temporada em que visitam os parentes dela, os Tukano aproveitam para fazer bancos e deixá-los como presente. Essa prática tem a vantagem de usar a madeira encontrada na área desse outro povoado, resguardando as árvores dos povoados tukano.



LAVAR PARA REVELAR

Depois levam o banco para lavar no rio. Deixam um pouco a água agir, amolecendo o barro, depois removem a argila. Quando sai, revela o grafismo em cor negra sobre o fundo vermelho. As partes que haviam sido marcadas com a argila aparecem pretas, ela reage de alguma forma com a madeira tingida com o fixador e o corante vermelho, produzindo o preto do motivo trançado. Esperam o banco secar e, por último, passam mais uma camada de fixador e corante, sempre o mesmo (urucu ou carajuru) usado no início. Está pronto o banco tukano.



SIGNIFICADOS DOS GRAFISMOS

O desenho feito no assento do banco tem diversos significados. Dentro do contexto ritual, representa o desenho do corpo de uma cobra, a Cobra Canoa de Transformação (Pamëri Pirô), que transportou a primeira humanidade em seu bojo. Por isso, a cobra tem uma posição privilegiada na cosmologia tukano. Essa trajetória

é lembrada nas cerimônias e danças realizadas na maloca. Tanto o baya (ou Mestre de Cerimônia) e seus acompanhantes de dança, quanto o kumu, sentam-se nesses bancos. Em tukano, esse desenho se chama pamëri hori.



SEME HORI (DESENHO DO COURO DA PACA) IMPRESSO NO CENTRO DO ASSENTO.
O GRAFISMO TRANÇADO DO ASSENTO CHAMA-SE PAMËRI HORI



MOMORI (DESENHO DA BORBOLETA) IMPRESSO NO CENTRO DO ASSENTO



PAMURI HORI



GRAFISMO NO CENTRO DO ASSENTO: BAÏA HORI, DESENHO DE TAPURU DO JAPURAZEIRO



GRAFISMO NO CENTRO DO ASSENTO: SENA HORI, DESENHO DE CASCA DE ABACAXI E, EM SUAS BORDAS, PATI PAMA HORI, DESENHO DA COSTELA DA COBRA DE TRANSFORMAÇÃO



GRAFISMO NO CENTRO DO ASSENTO: COMPOSIÇÃO DOS DESENHOS DO COURO DE PACA (SEME HORI) E MOMORI HORI (DESENHO DE BORBOLETA)

OFICINA DE BANCOS NA FOZ DO CABARI (SÃO DOMINGOS)

Em junho de 2002, durante seis dias, aconteceu um encontro de mestres artesãos de banco tukano na comunidade de São Domingos, Foz do Cabari, alto Tiquié. Foi uma oficina para falar e fazer esses bancos.

Participaram dezesseis artesãos de nove comunidades do rio Tiquié (Pirarara, São José I, São José II, Santa Luzia, Foz do Cabari, São Paulo, Santa Rosa, Jabuti e Boca do Sal), o vice-presidente da FOIRN, Domingos Barreto, os assessores do ISA Aloisio Cabalzar (antropólogo), Flora Dias Cabalzar (antropólo-



ga) e Pieter van der Veld (agrônomo), e a fotógrafa convidada Rosa Gauditano. Tarcísio Barreto (morador de Foz do Cabari) e Avelino Neri (então vice-presidente da ATRIART – associação indígena que inclui as comunidades do alto Tiquié), ambos mestres na fabricação do banco, foram os coordenadores locais.

No começo da Oficina cada artesão falou um pouco de sua experiência com a fabricação dos bancos. Todos eles começaram a fazer bancos e fizeram seus maiores trabalhos como oferta para seus cunhados, sejam eles tuyuka ou desana. Poucos tinham tido experiências de venda e, em geral, tinham sido limitadas e decepcio-

Foto ao lado, no início da Oficina, cada participante expõe suas ferramentas e matérias-primas. Acima, reunião preparatória à Oficina. Abaixo, Rosa no caxiri de encerramento da Oficina.



nantes. Vários deles disseram que não vinham fazendo bancos nos últimos tempos, seja porque ninguém pedia ou, principalmente, por falta das ferramentas apropriadas. Apenas seis participantes tinham ferramentas, todas elas muito antigas. Depois desses depoimentos, cada qual trouxe suas ferramentas, bancos começados e pedaços de tronco. Conversaram ainda sobre os tamanhos dos bancos, finalidades, etc. Cada um decidiu o tamanho do banco que faria e foram tirar madeira. Apenas uma árvore grande, anteriormente selecionada, foi derrubada, mas foi suficiente para todos. Depois disso, dedicaram dias de trabalho à fabricação dos bancos, reservando as noites para falar de sua origem mítica, da sustentabilidade das matérias-primas de origem vegetal e do preço.

Em pé, da esquerda para a direita, Antenor, Mariano, Belisário, Avelino, José, Francisco e Tarcísio. Sentados, Ovídio e Miguel.



INFORMAÇÕES SOBRE O PROJETO E AS PARCERIAS

Os principais objetivos desse projeto de produção e comercialização dos bancos de madeira tukano são: (1) valorizar o patrimônio cultural dos povos indígenas, em particular daqueles do alto rio Negro; (2) revitalizar o trabalho de escultura desses bancos, uma especialidade em marcenaria milenar da etnia Tukano; (3) identificar espaços duradouros de mercado, compatíveis com a capacidade de produção das comunidades; (4) gerar uma alternativa de renda para os artesãos indígenas e suas associações; (5) contribuir para o uso sustentável dos recursos naturais; e (6) capacitar as associações indígenas locais no gerenciamento de projetos.



O projeto **BANCO TUKANO** é uma parceria entre artesãos do banco tukano do rio Tiquié, a FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro) e o ISA (Instituto Socioambiental). Surgiu como uma iniciativa de revalorização do artesanato do banco tukano, objeto de grande significado e valor ritual no alto rio Negro. Com o desenvolvimento do comércio dessa escultura, planeja-se formar uma associação dos artesãos para

gerir a produção, transportá-la das comunidades no Tiquié e coordenar as relações com os compradores.

A **Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN)** é uma associação civil, sem fins lucrativos, fundada em 1987 para defender os direitos dos povos indígenas que habitam a região brasileira da Bacia do Rio Negro, no estado do Amazonas. Compõe-se de 89 organizações de base, que representam as comunidades distribuídas ao longo dos principais formadores do Rio Negro, pertencentes a 31 grupos étnicos das famílias linguísticas Tukano, Aruak, Maku e Yanomami.

O **Instituto Socioambiental (ISA)** é uma associação civil, sem fins lucrativos, fundada em 22 de abril de 1994, com o objetivo de defender bens e direitos sociais, coletivos e difusos, relativos ao meio ambiente, ao patrimônio cultural,

aos direitos humanos e dos povos. Desde 1994 o ISA desenvolve o Programa Rio Negro, que tem por objetivo geral, a longo prazo, formular, criar condições e colaborar para a implantação de um programa de desenvolvimento sustentável na Bacia do Rio Negro.

A **parceria FOIRN/ISA** inclui várias atividades: a demarcação das terras indígenas e o desenvolvimento de alternativas econômicas apropriadas, incluindo a capacitação das organizações indígenas, a instalação de uma rede de radiofonia e transporte, o desenvolvimento de pesquisas interculturais, a publicação da primeira série de livros de autores indígenas no Brasil, a implantação de escolas indígenas diferenciadas, de projetos de piscicultura e de manejo agroflorestal, a formação de um banco de dados socioambientais georreferenciados.

Viabilizar a comercialização dos bancos tukano é uma iniciativa concomitante à revitalização dessa prática tradicional de entalhar a madeira. Alguns mestres artesãos estão retomando sua especialidade, aprimorando sua técnica na constância do trabalho, ensinando aos mais jovens e construindo uma alternativa de renda para comunidades indígenas situadas a muita distância do mercado consumidor.

FONTES

- Béksa**, Kazys Jurgis, A Maloca Tukano-Dessana e seu Simbolismo. Manaus: SEDUC/AM, 1988.
- Cabalar**, Aloisio, Banco Tukano. Relatório de Oficina realizada em São Domingos (alto Tiquié). São Paulo: ISA, 2002. Inédito.
- Cabalar**, Aloisio e Ricardo, Carlos Alberto, Mapa Livro. Povos Indígenas do Alto e Médio Rio Negro. São Gabriel da Cachoeira/São Paulo: FOIRN/ISA, 1998.
- Umusí** Pärökumu e Torām Kehiri, Antes o Mundo Não Existia. Mitologia dos Antigos Desana-K Thiriporã. São Gabriel da Cachoeira: UNIRT/FOIRN: 1995. Primeira edição de 1980.
- Diakuru e Kisibi** (Américo e Durvalino Fernandes), Mitologia Sagrada dos Desana-Wari Dihputiro Pörã. São Gabriel da Cachoeira: UNIRT/FOIRN, 1996.
- Reichel-Dolmatoff**, Gerardo, Amazonian Cosmos - The Sexual and Religious Symbolism of the Tukano Indians: The University of Chicago Press, 1971.
- Nahuri e Kumarô** (Miguel Azevedo e Antenor N. Azevedo), Mitologia Sagrada dos Tukano Hausirô Pöra. São Gabriel da Cachoeira: UNIRT/FOIRN, no prelo.
- Ribeiro**, Berta G., Os Índios das Águas Pretas. São Paulo: Cia das Letras/EDUSP, 1995.

GLOSSÁRIO

baya: mestre de cerimônia. É o conhecedor dos cantos e danças tradicionais, responsável pela entoação do canto e liderança dos outros dançarinos nos grandes rituais realizados nas malocas

caxiri: bebida fermentada com base na mandioca e temperada com outros turbéculos, com certo grau alcoólico, preparada para a animação das festas.

caapi: bebida ritual feita a partir de certas espécies de cipó, comum entre os povos indígenas da Amazônia Ocidental, com possível efeito alucinógeno.

ipadu: pó de folhas de coca misturado com cinzas de folhas secas de embaúba ou cucura. As folhas de coca são apenas torradas e socadas, não passando por qualquer tipo de refinamento químico. É consumido ritualmente, apenas pelos homens adultos mais velhos.

dabucuri: festa tradicional de oferta de alimentos. Um grupo de pessoas fornece para seus cunhados ou irmãos uma quantidade grande de certo tipo de alimento, fresco ou preparado e, para entregá-lo, são esperados com uma festa e caxiri.

kapiwaya: cerimônia na qual se realizam as danças tradicionais, entoadas por um grupo de cantores liderados pelo mestre de cerimônia, o baya. Para essas festas, é preparada grande quantidade de caxiri, ipadu, caapi e fumo. Essas cerimônias podem ser realizadas em várias circunstâncias: proteção contra doenças da estação, atribuição de nome ao filho de um chefe, iniciação dos jovens, etc.

wayuri: é o mutirão feito dentro de uma comunidade ou que envolve várias delas, para o plantio de uma roça, construção de uma casa ou realização de trabalhos comunitários. É comum o preparo e consumo de caxiri nessas ocasiões.

NOTA SOBRE A GRAFIA DAS PALAVRAS EM TUKANO

(adaptado de Henri Ramirez, A Fala Tukano dos Ye'pâ-Masa. 1997)

a, i e u pronunciam-se como em português

e e o são abertas, como em fé e avó

ɨ é uma vogal pronunciada como i, mas com a ponta da língua voltada para o céu da boca

r pronuncia-se como em caro

ñ pronuncia-se como o nh do português ou ñ do espanhol

Se a primeira vogal da palavra for seguida por uma consoante surda (p, t, k, s), tornar-se-á parcialmente surda. Por exemplo: pikõse lê-se pihkõse.